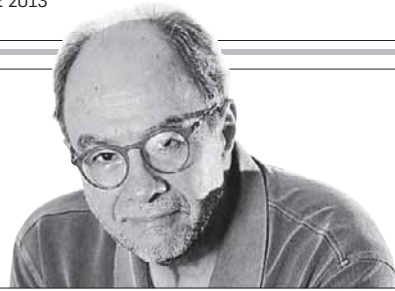


SÉRGIO  
AUGUSTO

s.augusto@estadao.com.br

SEGUNDA-FEIRA  
LÚCIA GUIMARÃESTERÇA-FEIRA  
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA  
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMOSEXTA-FEIRA  
IGNÁCIO DE LOYOLA  
BRANDÃO  
MILTON HATUOMSÁBADO  
LAURA GREENHALGH  
MARCELO RUBENS  
PAIVA  
SÉRGIO AUGUSTODOMINGO  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMO  
JOÃO UBALDO RIBEIRO  
HUMBERTO WERNECK

## De moscas, bêbados e dedicatórias

Há coisa de um mês me referi aqui ao projeto de uma antologia literária sobre a mosca que a morte não deixou o escritor guatemalteco Augusto Monterroso levar adiante. Não me alonguei sobre o tema, restringindo-me ao próprio Monterroso (que revelou seu intento em *Movimiento Perpetuo*) e a Lydia Davis, que ao mais universal dos insetos dedicou dois dos microrrelatos compilados em *Tipos de Observação*, recém-traduzidos pela Cia. das Letras; e se agora o retorno é para, única e exclusivamente, dar conta de uma presença brasileira, e das mais ilustres, na confraria das moscas.

Se você não leu *Um Inseto Sentimental*, publicado neste caderno, pouso mensal de Milton Hatoum desde 2007, recupere o prazer perdido no preâmbulo às dezenas de crônicas que compõem a coletânea *Um Solitário à Espreita*, seleção de quase duas décadas de atividade jornalística do grande ficcionista amazense, lançada durante a Flip pela Cia. das Letras. São 280 páginas de deleite ininterrupto, infensas à ação do tempo e pelo menos uma delas, *Estádios Novos, Miséria Antiga*, publicada no *Estadão* um ano atrás, atualíssima, para não dizer profética.

Hatoum cultiva o hábito, raro no gênero e profundamente gentil, de dedicar determinadas crônicas a amigos que de certo modo têm algo a ver com elas. Qual não foi minha surpresa ao me descobrir contemplado com uma dedicatória. Ganhei o dia, fiquei prosa como não ficava desde 2008, quando Tom Zé lançou um neossamba bossa nova (*Barquinho Herói*, no CD *Estudando a Bossa*), segundo ele inspirado num artigo sobre a mulher que eu havia publicado no *Pasquim* em 1970.

O mimo que o solitário à espreita me ofertou foi escrito para um livro sobre a Era Vargas, publicado em 2004. Com título de *Uma Fábula*, é uma viagem ao ano em que Getúlio se matou, a partir de lembranças da infância de Hatoum em Manaus. Ele tinha apenas 2 anos quando o presidente saiu da vida para entrar na história com o pijama manchado de sangue, mas conviveu longo tempo com seu fantasma: o retrato do velho na parede do grupo escolar, as brigas familiares em torno dele (um parente próximo o venerava, outro o odiava).

Custei um pouco a descobrir onde nessa história me encaixava. No dia em que Getúlio se matou eu estava de cama, derrubado por uma caxumba. Ouvi a notícia pelo *Repórter Esso* da Rádio Nacional, em edição extraordi-

nária. Sem qualquer parti pris em relação ao presidente (tinha só 12 anos e meus familiares pareciam indiferentes aos arranca-rabos entre o trabalho e o udenismo), minha única reação à trágica notícia foi de regozijo pelos três dias de feriado na rede escolar, decretado pelo governo.

A reação do parente getulista de Hatoum foi dramática. Soube do suicídio enquanto almoçava no centro do Rio com a namorada; largou os talheres, a namorada, e foi-se juntar à turba enlu-

**Por 10 dias Faulkner não pegou a morte de Getúlio. Chegou aqui em 8/8 e se mandou em 14/8**

tada diante do Palácio do Catete. O parente antigetulista morava em São Paulo e aderiu ao festejo que algumas vítimas da ditadura estado-novista, entre as quais o escritor e jornalista Paulo Duarte, improvisaram no velho e já desativado hotel Esplanada.

Nele pouco antes se hospedara William Faulkner, vindo de Lima (Peru) para um congresso de escritores. Só aí atinei com o motivo da dedicatória: Faulkner no Brasil. Ou terá sido outra coisa, recôndita, enigmática?

Por dez dias Faulkner não pegou a morte de Vargas. Chegou em 8 de

agosto e se mandou seis dias depois. Bêbado full time, mal viu, se é que viu, a cidade, que num primeiro instante confundiu com Chicago, e no congresso fez forfait o tempo todo. Não desceu ao saguão do hotel para dar autógrafos nem entrevistas, “preferiu ficar bebendo e talvez escrevendo em seu quarto”, conjectura Hatoum, quem sabe finalizando *Uma Fábula*, que publicaria naquele ano e, apesar das primeiras críticas adversas, lhe valeria um Pulitzer.

Admiro Faulkner, com menos intensidade que Hatoum, presumo, mas o ano em que Getúlio se matou e eu peguei caxumba ficou mais marcado em minha memória infantil pelo fiasco do Brasil na Copa do Mundo na Suíça, pelas fatais duas polegadas nos quadris da Marta Rocha, pelo Congresso Eucarístico no Rio, pelos ecos do Quarto Centenário de São Paulo, e, acima de tudo e todos, pela curta e tempestuosa temporada carioca da atriz Ava Gardner.

Faulkner acabara de ir embora, e Getúlio também, quando ela, “o mais belo animal do mundo”, na imortal definição de Cocteau, desembarcou no Rio para promover o lançamento do filme *A Condessa Descalça*. Até porque não tinha idade para frequentar os lugares onde ela pisou,

nem sequer de longe pude vê-la. Conheci, porém, um punhado de gente que a viu de pertinho, até apertou-lhe a mão e acendeu-lhe um cigarro (façanha histórica do José Lewgoy), e confirma: era mesmo o colosso projetado na tela.

Sua beleza inexcedível, quase irreal, dispensava realces artificiais. O menor adorno lhe era supérfluo. Até com os cabelos displicentemente presos com os palitos das azeitonas do Dry Martini (assim um fotógrafo amigo surpreendeu-a no bar do Copacabana Palace, e até hoje lamenta ter deixado sua câmera em casa) continuava imbatível. O problema era o martini; ou melhor, os martinis. Ava bebia como gente grande; muito grande. E do sexo masculino. Sua passagem pelo Rio foi, dizem, um pileque do princípio ao fim. Como a do Faulkner pela Pauliceia.

Ava armou um tremendo fuzuê no hotel Glória porque esperava ser hospedada no Copacabana Palace, onde por fim a alojaram depois de muita gritaria, ameaças (era desbocadíssima) e alguns móveis quebrados. Em sua autobiografia, a deusa negou tudo. Resta ver se na que acaba de sair, *The Secret Conversation*, fruto de longas conversas da atriz com Peter Evans, ela fornece mais detalhes sobre a “armação” de que teria sido vítima, a mando de Frank Sinatra, que por ela ainda morria de ciúmes. Quem não?

## Literatura Biografia

## Quando o autor é fã de carteirinha

O escritor Michael White age como um torcedor de futebol diante de críticas a J. R. R. Tolkien, o objeto de seu livro

Braulio Tavares

ESPECIAL PARA O ESTADO

J. R. R. Tolkien – *O Senhor da Fantasia*, de Michael White, não supera a biografia autorizada de Humphrey Carpenter, de 1977, embora tenha a vantagem de cobrir os anos mais recentes do fenômeno Tolkien, inclusive sua adaptação para o cinema pelo diretor Peter Jackson.

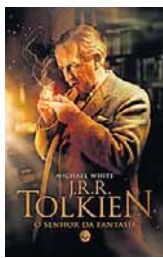
Tolkien foi um escritor relativamente fácil de biografar, pois viveu a vida inteira nos arredores de Oxford e cidades próximas, se descontarmos os seus anos de infância na África do Sul. Um professor pacato, focalizado na vida acadêmica e no trabalho literário das horas vagas. Sua vida é bem documentada, os arquivos preservados.

Michael White é autor de romances e biografias, entre elas vidas de Isaac Newton, Leonardo da Vinci, Maquiavel, Isaac Asimov, Galileu, etc. Seu website o descreve como a única pessoa no mundo que já apareceu em três listas dos “dez mais”: ficção, não ficção e música, pois ele já fez parte do grupo The Thompson Twins.

A biografia *O Senhor da Fantasia* pode ser uma porta de entrada para a vida e a obra de Tol-

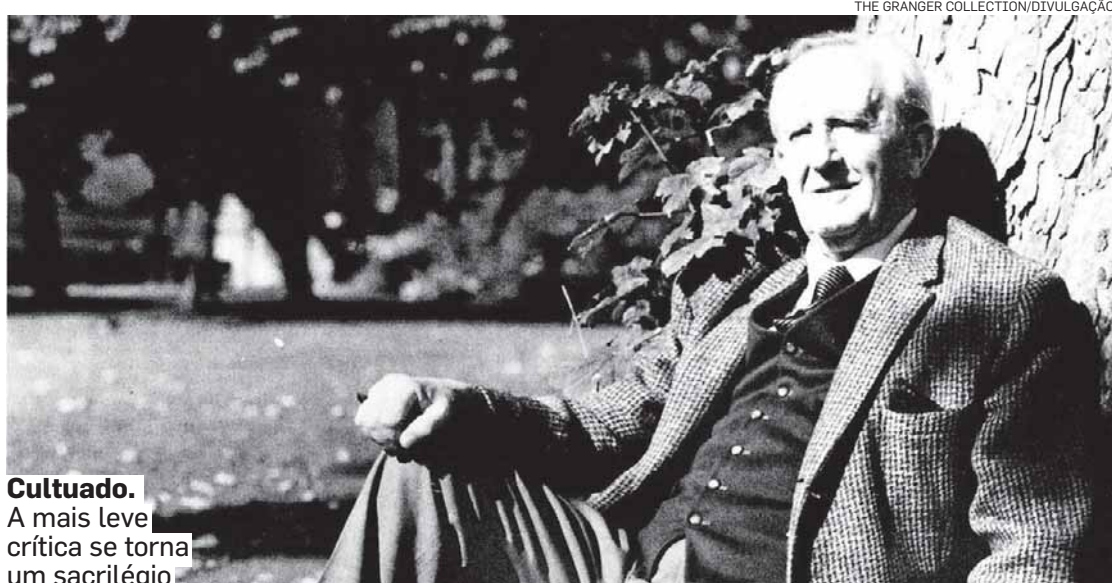
kien, reconstituindo de maneira correta a linha cronológica de sua vida pessoal e profissional, além do processo de criação de sua obra literária. O tom com que é escrita, no entanto, é visivelmente o de um fã, de um admirador fervoroso, por mais que o autor procure manter distância dos fãs mais hardcore. Na *Introdução*, ele afirma não pertencer ao grupo para quem a mais leve crítica ao autor é um sacrilégio.

Gêneros populares como fantasia e ficção científica (FC) parecem favorecer o cultivo dessa mentalidade, inclusive pelo uso corrente do termo “fandom” para designar o conjunto dos fãs, o universo cultural em que atuam. O fã, muitas vezes, deixa de se parecer com um leitor e se comporta como torcedor de futebol ou um militante político.



**J.R.R. TOLKIEN – O SENHOR DA FANTASIA**

**Autor:** Michael White  
**Tradução:** Bruno Dorigatti (Darkside, 280 págs., R\$ 44,90)



**Cultuado.** A mais leve crítica se torna um sacrilégio

Torna-se membro de um culto, e qualquer crítica dirigida ao objeto de adoração provoca reação imediata e veemente. (Se esse jornal receber cartas ou postagens com queixas ao que digo, será uma prova disso.)

No último capítulo do seu livro *A Lenda Vive*, Michael White faz um apanhado das críticas positivas e negativas que *The Lord of the Rings* recebeu no lançamento, na década de 1950. Mas o modo como toma a defesa do autor não é uma atitude de bió-

grafo, e sim de fã. Ele se refere, por exemplo, à crítica de Edmund Wilson (*Oo, Those Awful Orcs*, 1956), que chamou o livro de Tolkien de “bobagem” e “lixo juvenil”. E diz: “A falta de sutileza nas observações de homens como Edmund Wilson são intrigantes. Eles podem ter sido estimulados pela inveja, mas também é provável que ‘não tenham entendido’”. E arremata, referindo-se a Wilson: “Quem o lê agora?”.

Obras como *O Castelo de Axel*

(1931) ou *Rumo à Estação Finlândia* (1940) praticamente nunca saíram de catálogo e são traduzidas no mundo inteiro. Wilson é tão lido hoje quanto em sua época. Era um crítico acerbo e voluntarioso; no “fandom” do romance policial ele é também execrado por ter bombardeado o gênero em vários artigos, especialmente *Quem Liga para Quem Terá Assassinado Roger Ackroyd?* (1945).

As comunidades de fãs dos gêneros mais populares (FC, poli-

cial, fantasia, etc.) costumam travar uma luta ressentida contra o chamado mainstream literário. Queixam-se de preconceito, esnobismo e desinformação por parte dos críticos oficiais (entre os quais Wilson está incluído), mas isso os leva muitas vezes a considerar que todas as críticas vindas dessa direção são infundadas e injustas. Muitos defeitos apontados por Wilson são reais: Tolkien tem dificuldade para criar personagens femininos, não sabe lidar com temas sexuais, tem azedume diante de tudo que possa ser tido como “moderno”.

A crítica não diminui o valor imenso da obra de Tolkien nem de Wilson. Fantasia e mainstream são vertentes literárias convergentes. Vão se fundir mais à frente, com a transformação natural das mentalidades e dos estilos. A aplicada biografia escrita por Michael White poderia ter ajudado esse processo, em vez de contribuir para a sobrevivência da irritante rivalidade, quase futebolística, dentro da literatura.

\* **BRAULIO TAVARES** É ESCRITOR E COMPOSITOR E MANTÉM O BLOG MUNDOFANTASMO.BLOGSPOT.COM

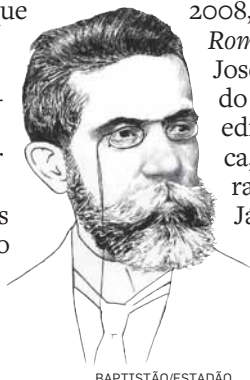
## Babel | Maria Fernanda Rodrigues MARIAF.RODRIGUES@ESTADAO.COM

blogs.estadao.com.br/babel

CLÁSSICO  
Machado: cânone completo nos EUA e novas críticas aqui

Estreia de Machado de Assis (*ilustração*), *Ressurreição* (1872) era o único livro dele sem tradução para o inglês. Traduzi-lo foi a tese de doutorado de Karen Sherwood Sotelino na Universidade da Califórnia, que deu origem à edição de *Resurrection* pela Latin American Literary Review Press. O livro acaba de chegar às livrarias americanas. Por aqui, há boas obras sobre Machado saindo. Professor de literatura da UERJ e colaborador do *Caderno 2*, João Cé-

zar de Castro Rocha lança *Machado de Assis: Por uma Poética da Emulação* (Civilização Brasileira) em 16/8, com debate no Memorial da América Latina. Publicado pela Edusp em 2008, *Machado de Assis - O Romance com Pessoas*, de José Luiz Passos, está sendo transformado numa edição menos acadêmica, prevista pela Alfabeta para o início de 2014. Já a Unesp lança, na Bienal, *Machado de Assis: Crítica Literária e Textos Diversos*, coletânea feita por Sílvia Maria Azevedo.



BAPTISTÃO/ESTADÃO

ROMANCE  
Da Record à Alfabeta

Prêmio Sesc de conto em 2010 com *Contos de Mentira* e de romance em 2011 com *Quiçá*, Luisa Geisler, 22 anos, mais jovem entre os jovens autores da *Granta*, deixa a Record, que edita os vencedores do concurso, e lança o próximo romance pela Alfabeta em meados de 2014, um pouco antes de se formar em Relações Internacionais.

O título provisório é *Luzes de Emergência se Acenderão Automaticamente* e conta a história de Henrique, que escreve cartas ao melhor amigo que está em coma. Enquanto o atualiza sobre fatos cotidianos, tem de encerrar sua própria vida: sua namorada está grávida e ele, apaixonado por outro rapaz.

POLICIAL  
O policial de Montes

O advogado Raphael Montes, 21 anos, não ganhou o Prêmio Benvirá, mas o policial *Suicidas* acabou saindo pela editora do prêmio e vendeu cinco mil exemplares. Vem mais por aí: recém-concluído, *Dias Perfétos* sai em 2014; Montes estará ao lado de Rubem Fonseca e outros em antologia em inglês e acaba de ser confirmado para o Pauliceia Literária.

DIGITAL  
Os indies e as gigantes

Escritores que se autopublicam pelo Clube dos Autores já podem ver seus e-books nas grandes livrarias virtuais: Amazon, Apple, Saraiva, Cultura, Kobo e IBA. No Google Play, eram vendidos desde o começo do ano.

THRILLER  
Mistério catalão

*O Verão das Bonecas Mortas* é o primeiro de uma série policial do espanhol Toni Hill situada em Barcelona. O enredo: jovem de família rica morre depois de cair da janela, onde costumava sentar para fumar. A mãe não acredita na hipótese de suicídio e contrata um investigador. Sai pela Tordesilhas nos próximos dias.

NÃO FICÇÃO  
Coleção dividida

Leandro Konder vai dividir a coordenação da coleção *Marxismo e Literatura*, da Boitempo, com Michael Löwy. O próximo título será *O Capitalismo Como Religião*, com textos de Walter Benjamin pinçados por Löwy.

CRÔNICA  
Querida Clarice

Marina Colasanti e Affonso Romano de Sant'Anna fazem um retrato sensível da amiga Clarice Lispector (*foto*) em *Com Clarice*, previsto pela Unesp para a Bienal do Rio, em setembro. São crônicas e ensaios – alguns inéditos – escritos a partir dos anos 1960. Na obra, foi incluída entrevista que o casal fez com a autora de *A Hora da Estrela* no Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, em 1976. Clarice morreria no ano seguinte.



REPRODUÇÃO